



Thiago Pacheco / ACI

Ivo Ibri na Peirce Society

O professor Ivo Ibri, dos programas de Pós em Filosofia e em Comunicação e Semiótica, assumiu recentemente a presidência da Charles S. Peirce Society. A associação internacional, cujo objetivo é divulgar a obra do pensador americano, tem entre seus ex-presidentes acadêmicos como Umberto Eco, Hilary Putnam e Lucia Santaella. Ivo fala sobre seus planos à frente da Sociedade. Pág. 05

Auxílio financeiro para eventos

Professor: você sabe que Fapesp, Capes e CNPq possuem linhas de crédito para a organização de congressos e eventos científicos? "Além de viabilizar a atividade, ter apoio das agências significa que ele foi validado pela comunidade científica", observa a professora Elisabeth Almeida (Pós em Educação: Currículo), umas das docentes da Universidade que utilizam o benefício. Pág. 03



PUC-SP

PUC-SP em Notícias

Jornal mensal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

#72



Ano 6 - Abril 2015

www.pucsp.br



puc_sp



PUCSP.Official



puc_sp



Bete Andrade / ACI

Teatro, música, ciência e política Os primeiros 50 anos do Tuca

Pág. 06 e 07

08

Maturidade: três alunos centenários recebem homenagem no início das aulas de 2015

09

Colégio Luiza de Marillac, no campus Santana: missão educacional completa 75 anos

10

Formandos 2014: a melhor aluna de Ciências Econômicas recebe prêmio do Corecon

12

Luto e acidentes aéreos: *Entrevista do mês* com a profa. Maria Helena Pereira Franco



Editorial

Em 2015 a PUC-SP comemora, com muita honra, os 50 anos do Tuca. Haverá um ano inteiro de atividades para marcar a data, como você vê nesta edição. Não é sempre que utilizamos duas páginas (06 e 07) para uma pauta, mas a matéria foi crescendo. Claro: todo espaço é pouco para contar a história do Tuca, que transborda pelo tempo. A repórter Bete Andrade se esforçou para reconstituir essa trajetória, com os “causos” e fotos, mostrando o carinho que as comunidades artística e científica têm pelo nosso teatro. Quem também tem motivos para celebrar é o Colégio Luiza de Marillac, onde funciona o campus Santana da Universidade. São 75 anos de prestação de serviço educacional à comunidade da zona Norte da capital: a repórter Mara Fagundes fala do desenvolvimento da escola, desde seu surgimento como missão educadora para crianças carentes, na pág. 09. E os três alunos da Universidade Aberta à Maturidade que completam 100 anos de idade e, cheios

de energia, receberam as devidas homenagens do curso – como mostra a repórter Thaís Polato na pág. 08. O mesmo entusiasmo para aprender está presente em Alana Domisio Vergara, que recebeu o prêmio de melhor aluna do curso de Ciências Econômicas (leia na pág. 10, em reportagem de Thiago Pacheco).

Mas há mais: o professor Ivo Ibrí conta seus planos para a presidência da Charles S. Peirce Society, associação internacional que divulga o pensamento do filósofo e lógico americano (pág. 05) e a TV PUC celebra os 20 anos do início do programa *Diálogos Impertinentes* com a exibição da série no YouTube (pág. 03).

Nem tudo, porém, é alegria. Registramos nesta edição o falecimento do funcionário José Nagamine, personagem importante da história da PUC-SP (pág. 02) e explicamos o que a Universidade e sua mantenedora, a Fundação São Paulo, estão fazendo para manter viva a lembrança do genocídio armênio, que

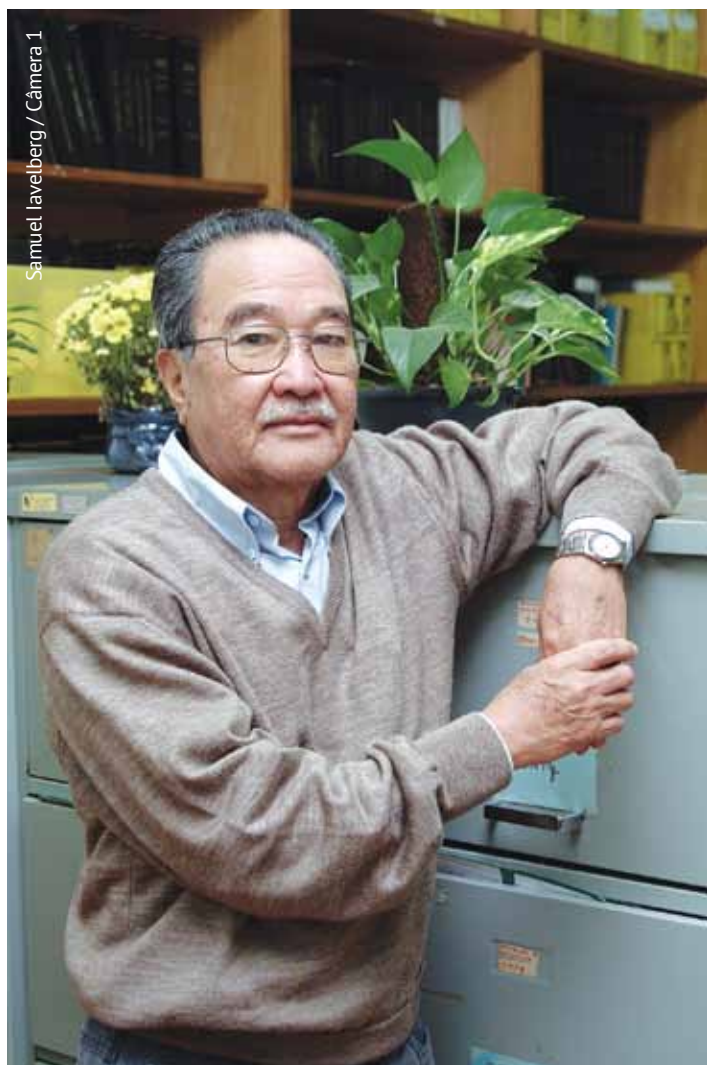
completa cem anos em 2015 (pág. 08).



Esta edição de **PUC-SP em Notícias** ainda abre espaço para o campo acadêmico. Apresentamos uma pesquisa do mestrado profissional em Educação nas Profissões da Saúde (campus Sorocaba, pág. 05) e as palestras sobre Arte e Ciência promovidas na Casa das Rosas pelo Pós em História da Ciência (campus Consolação, pág. 10). Damos uma força para os professores conseguirem recursos de agências de fomento para seus eventos científicos (pág. 03) e contamos como foi a aula magna das especializações em Direito sobre o novo Código de Processo Civil (cuja tramitação no Senado e na Câmara dos Deputados teve a importante colaboração de professores e ex-alunos de pós-graduação da Universidade), na pág. 11. Por fim, a partir da tragédia do avião alemão que se chocou contra uma montanha na França, conversamos com a professora Maria Helena Pereira Franco sobre o luto (pág. 12).

Memória

José Massafumi Nagamine



Samuel Iavelberg / Câmera 1

Depois de 54 anos, a PUC-SP perdeu um de seus mais respeitados funcionários: José Massafumi Nagamine, consultor técnico de gestão acadêmica, faleceu dia 21/3, aos 80 anos. Sempre discreto, Nagamine teve importante papel nas mudanças que transformaram a Universidade em uma instituição de primeira linha, preocupada com a qualidade acadêmica e a intervenção social. Embora nunca tivesse exercido a docência, era chamado por todos de “professor” – referência a seu amplo conhecimento da legislação educacional e outros temas de ensino superior.

Formado em Direito pela USP, ingressou na PUC-SP em 1961 como secretário do diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento para adaptar os cursos à primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). De lá para cá, entre outras tarefas, ajudou a Instituição a passar por outras duas reformas: a de 1969 e a de 1996. Recebeu duas homenagens da Instituição. Uma missa, em fevereiro de 2011, marcou seus 50 anos de dedicação à Universidade. E em 2004, no dia em que completou 70 anos (9/9), recebeu o título de funcionário emérito. Pouco depois, em entrevista ao jornal interno da época, afirmou: “Foi a coisa mais emocionante que eu passei na vida. Teve um momento em que me deu um nó na garganta. Gostaria de saber o que meu pai iria pensar, se estivesse vivo, de ver um filho dele sendo premiado daquela forma. Nessa hora eu quase chorei, porque meu pai e minha mãe fizeram de tudo por nós”. Não é difícil entender porque Nagamine se lembrou dos pais na celebração. Regina, sua filha, diz: “a PUC-SP era segunda família dele. Era uma pessoa apaixonada pelo que fazia, seria impossível não trazer para casa”. Ela conta que seu pai recebia colegas em jantares, compartilhava projetos e discutia livros com os seis filhos. “A Instituição fazia parte da nossa vida. Filhos dele estudaram, casaram-se e batizaram netos na Universidade”, lembra. Netos que, agora, começam a chegar à PUC-SP como alunos. E podem se orgulhar do que o avô ajudou a construir. **(T. Pa.)**

Diálogos Impertinentes

Sucesso de volta, no YouTube

Há duas décadas, entrava no ar um programa histórico entre os produzidos pelas TVs universitárias: *Diálogos Impertinentes*. Exibido até 2007, foi um dos maiores sucessos do Canal Universitário (CNU).

Para comemorar, a TV PUC acaba de tornar disponível algumas das edições no YouTube (www.youtube.com/user/tvpuc). A cada quinzena, entram dois novos episódios da série. Já estão disponíveis programas como *O Urbano*, com Jorge Wilhelm e Olgária Matos, e *A Sexualidade*, com Maria Rita Kehl e Marcelo Rubens Paiva. Os vídeos podem ser vistos ainda no site www.tvpuc.com.br.

Mediador da atração durante os doze anos em que esteve no ar, o filósofo Mario Sergio Cortella credita tal sucesso ao ineditismo de realizar um programa aberto ao público, com plateia e participação por telefone, fax e e-mail (a partir de 1997). “Além disso, recebíamos dialogadores de alto relevo e tratávamos de temas que permitiam duas horas de conversa inteligente e rara ainda, na mídia daquele momento”, afirma.

Entre os participantes estiveram Décio Pignatari, Walmor Chagas, Darcy Ribeiro e Rubem Alves, que abordaram temas como alimentação, arte, felicidade, velhice, humano, humor, prazer, sabedoria e trabalho. “A impertinência nos permitia ultrapassar o óbvio sem ser insolente ou desrespeitoso, mas escavando concepções e atitudes com densidade e alegria”, afirma Cortella.

Os *Diálogos Impertinentes* foram uma parceria da PUC-SP com o jornal Folha de S. Paulo e o SESC TV. Ao todo, a série contou com 123 programas, dos quais participaram 246 intelectuais. **(T. P.)**



Mario Sergio Cortella (à esq.) na conversa sobre O Acaso: programa recebeu “dialogadores de alto relevo”, como Haroldo de Campos

Fapesp, Capes e CNPq

Financiamento para eventos científicos

Thaís Polato

Todo pesquisador sabe que realizar um evento científico não é das tarefas mais fáceis, principalmente no que diz respeito a arcar com os diversos custos que dele decorrem. O que nem todos sabem é que Fapesp, Capes e CNPq mantêm linhas de crédito para este tipo de atividade.

Na PUC-SP, alguns pesquisadores utilizam este benefício. Uma das mais atuantes é a professora Elisabeth Almeida (Pós em Educação: Currículo). Pelo terceiro ano, a docente pleiteia verba para a realização de um dos maiores congressos da Universidade, o *WebCurrículo*. Em 2014, o encontro internacional reuniu mais de 800 pesquisadores. Este ano, será ainda mais importante: integrará as comemorações dos 40 anos do programa de pós-graduação.

Para a professora Beth, há pelo menos dois aspectos importantes no suporte financeiro das entidades. “Um deles é a viabilização do evento. O outro, tão ou mais importante, é que o fato de ter apoio de uma agência significa que ele foi validado pela comunidade científica, pois passou por avaliação e teve o aval de nossos pares”, afirma.

Aos que pretendem buscar esses recursos, ela recomenda planejar com cuidado todas as etapas da organização: “É preciso ser atento a prazos e documentos, registrar as atividades realizadas e guardar os recibos do que foi gasto para prestar contas”.

Por meio das agências de fomento é possível buscar verba para passagens, diárias para conferencistas, publicação de anais, resumos, vídeos ou programas, aluguel de salas e serviços de tradução, entre outros. Os interessados em obter apoio financeiro para realizar eventos científicos devem consultar as informações nos sites da Fapesp (www.fapesp.br), Capes (www.capes.gov.br) e CNPq (www.cnpq.br).



Profa. Beth Almeida (à dir.), durante uma das edições do simpósio WebCurrículo, no Tuca



Fala PUC-SP

Crise política: qual será o resultado?

Mara Fagundes e Thiago Pacheco

Após uma campanha presidencial extremamente acirrada, o Brasil iniciou 2015 com novos governos e novos legisladores. Mas as notícias sobre corrupção, que já haviam aparecido durante a eleição, não apenas se mantiveram como contaminaram o ambiente político. O relacionamento entre os Poderes Executivo e Legislativo se dá sempre sobre uma tênue linha de equilíbrio (na medida em que expressam um sistema de controle mútuo e de negociações); no entanto, as denúncias e a abertura de investigações contra políticos parece ter minado essa relação ao ponto de se falar em impedimento da presidente recém eleita e empossada e de se registrar, quase diariamente, atitudes hostis de partidos da própria base governista em relação ao Palácio do Planalto. Some-se a isso as manifestações que aconteceram em março e abril. Afinal, qual o tamanho da crise? Qual será seu resultado? É o que fomos perguntar neste mês para a comunidade.

Fotos: Thiago Pacheco / ACI



Eu acho que no momento está uma bagunça. Fizaram manifestações, com muita gente pedindo a volta da ditadura e outras coisas. O certo seria fazer uma reforma política, mudar as leis, porque o impeachment não adiantaria muito e as manifestações não vão ter resultado. Está tudo muito disperso.

Fernanda Lopes, estudante de Comunicação e Mídias



No âmbito exclusivamente político, eu não sei até que ponto vai. Como estudante de Direito acho o impeachment inconstitucional e creio que ele não vai acontecer agora. No caso das manifestações, elas são legítimas. Todas são. Mas, infelizmente, assim como em 2013, elas estão descaracterizadas. Em 2013 elas eram estudantis, de esquerda, e começaram a ter uma aura de direita. Agora elas são de centro-direita, trazendo uma ala de extrema direita, de quem quer intervenção militar e impeachment já.

Vitória de Carvalho Gama, estudante de Direito



É uma crise que pode levar a uma guerra civil, porque os dois lados radicalizaram posições. Eu não acho nem que a extrema direita tenha razão, nem a extrema esquerda. Para mim, estamos vivendo um momento de extremismo não só no campo político, mas também social, cultural e filosófico.

Eduardo Moraes, ex-aluno de Ciências Sociais



Copiamos os moldes da política que se faz no exterior, e a partir do momento em que nos tornamos dependentes, por exemplo, dos Estados Unidos, ficamos suscetíveis ao que acontece lá fora. Eu acho que o Brasil está sempre atrasado em relação aos outros países. Vivemos uma fase de transição e temos que inovar nosso jeito de pensar no que é público, na forma de fazer política, em como as relações de poder se dão. Se não houver reforma política, se não formos à raiz, vamos continuar dependentes do sistema externo. E quando a gente copia não aprende com os erros.

Lucas Luan Braga, graduando de Psicologia



Na minha opinião, as manifestações apontam para um novo momento político do Brasil e vão influenciar as próximas decisões presidenciais. Acho que as problemáticas colocadas nos protestos não são as reais raízes do problema, mas demonstram um descontentamento da população.

Márcia Rezende Feitoza, graduanda de Relações Internacionais



Analisando as últimas manifestações, quem estava fazendo e falando dessa crise era uma galera de extrema direita, com sérios problemas de definição política e filosófica, que misturava ideias e dizia coisas sem embasamento algum. A crise que estão criando contra a gestão da Dilma me parece fantasiosa. Não acho o governo ideal, mas na minha opinião ele está lidando razoavelmente bem com a situação. A esquerda está totalmente desestruturada e a direita está perdida. Ou seja, a gente precisa de uma reforma política, reduzindo o número de partidos e concentrando ideias, entre outras necessidades.

Ita de Oliveira, aluno de Comunicação das Artes do Corpo



A democracia no Brasil é praticada por meio de negociações de gabinete, de transações que envolvem distribuição de cargos e apoio político nos níveis municipal, estadual ou nacional. Não há participação da população, como em tese deveria ser uma democracia, então acho que a crise política é consequência disso. A solução seria criar mecanismos de participação popular, através de conselhos, indo além do envolvimento que existe hoje e que praticamente se resume ao direito de escolher um candidato a cada dois anos.

Bruno Matos, aluno de Jornalismo



Em crise o país está. Mas acho que falta o povo brasileiro parar e falar: "está ruim, ninguém está contente, mas e aí?" Como buscar uma forma de mudar, como vemos em outros países que conseguiram uma mudança política significativa? Como alterar a estrutura, o modo de fazer política? Eu acho que o brasileiro sabe protestar, mas não fazer uma reivindicação que leve de fato a uma transformação. Porque fazer panelaço é muito pouco.

Márcia Rosana da Silva, mestranda do Pós em Língua Portuguesa

Charles S. Peirce Society Ivo Ibri assume presidência da entidade

Thiago Pacheco

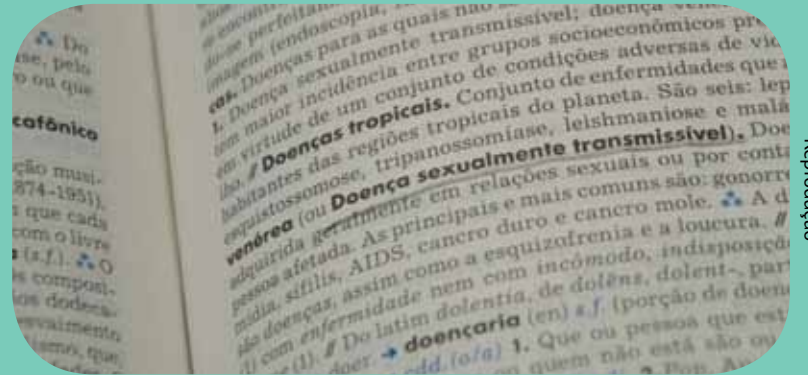
O professor Ivo Ibri tomou posse, em fevereiro, como presidente da Charles S. Peirce Society, entidade internacional criada em 1965 para estimular e divulgar o pensamento do filósofo e lógico americano pioneiro da Semiótica e do Pragmatismo. Trata-se de “uma responsabilidade muito grande na gestão de uma entidade por onde passou boa parte dos mais importantes estudiosos da obra de Peirce”, diz Ibri. Entre os ex-presidentes estão acadêmicos como Umberto Eco, Karl Otto-Apel, Richard J. Bernstein, Hilary Putnam, Jaako Hintikka e Lucia Santaella.

Em 2014, o docente foi vice-presidente. Um comitê de pesquisadores, após consulta internacional, indica anualmente um nome para a vice-presidência; o comitê executivo recebe a recomendação e a submete ao voto de seus membros. Aprovado neste cargo, no ano seguinte o eleito assume a presidência.

Como presidente, Ibri coordenará diversos comitês de trabalho, entre eles o que já iniciou a revisão da constituição da Sociedade e outro voltado ao projeto e execução de um monumento junto ao túmulo de Peirce, em Milford (EUA). Ele pretende ampliar a presença internacional da entidade e estimular o contato entre os centros de pesquisa da filosofia peirciana pelo mundo. “Os estudos da obra de Peirce não se concentram mais exclusivamente nos Estados Unidos. Dificilmente se encontra um país europeu, por exemplo, sem um núcleo ou centro dedicado ao autor”, observa. Segundo ele, que atua nos programas de Pós em Filosofia e em Comunicação e Semiótica, a PUC-SP é referência nos estudos peircianos, “fruto de um trabalho de muitos pesquisadores de ponta, como a professora Santaella”. “Quando se discutem Semiótica e Pragmatismo e temas correlatos, em algum círculo internacional, o nome da nossa Universidade surge natural e obrigatoriamente”, conta, mencionando a inserção no exterior promovida há dezesseis anos pelo Centro de Estudos de Pragmatismo, por meio dos *Encontros Internacionais sobre Pragmatismo* e das revistas *Cognitio* e *Cognitio-Estudos*.



Prof. Ivo Ibri, ao lado da coleção da revista: PUC-SP é referência internacional nos estudos peircianos



DSTs: comportamento e postura preventiva depende de ações educativas nas escolas

Educação nas Profissões da Saúde

DSTs: sem educação, não há prevenção

Ewerton Vianna

A abordagem das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) por professores de Ciências e Biologia de escolas públicas foi tema da pesquisa da enfermeira Amanda de Oliveira Silva no Pós em Educação nas Profissões da Saúde (campus Sorocaba).

O estudo, desenvolvido entre agosto de 2011 e abril de 2013, identificou que, apesar de a legislação escolar vigente exigir a temática, o preparo insuficiente dos docentes, a resistência das famílias, a desvalorização e a baixa remuneração dos professores, entre outros desafios, não permitem avanços significativos na prevenção das doenças. “Há também falta de interesse dos professores em desenvolver o assunto junto aos alunos adolescentes, o que diminui ainda mais as perspectivas de melhora”, explica Amanda. Ela focou a pesquisa em duas escolas estaduais do bairro Vitória Régia (Sorocaba), onde a incidência de DSTs é alta.

Para a autora, a mudança de comportamento da população e uma postura preventiva dependem de ações educativas nas escolas. Segundo ela, uma parceria entre as instituições de ensino e a Unidade de Saúde da Família local seria capaz de mudar essa realidade. A dissertação aponta a necessidade de projetos para capacitar docentes e contribuir na formação de agentes multiplicadores deste conhecimento.



Começo dos anos 1960: em construção



O primeiro sucesso, logo na inauguração: Morte e Vida Severina



A resistência política: reunião da SBPC, em 1977



O prédio quase destruído, após os incêndios de 1984



Campanha: o carinho da sociedade

Celebração Tuca: 50 anos em cena

Bete Andrade

Grandes artistas e espetáculos marcam o cinquentenário do Teatro da Universidade Católica (Tuca), em 2015. As comemorações, que terão atividades durante o ano todo, começaram com as peças *Através de um Espelho* e *Meu Deus!*. Mas segundo o diretor geral, Sérgio Rezende, muitas surpresas estão por vir.

“No primeiro semestre vamos estrear *Galileu Galilei*, com a Denise Fraga, e *A tempestade*, de William Shakespeare, com a primeira atuação do Francisco Cuoco em nosso palco. No segundo semestre teremos montagem de *Um bonde chamado desejo*, além da volta de Antônio Fagundes, provavelmente em setembro”, conta.

Outra novidade é o projeto *MPBem – Música Popular do Bem*, apresentações musicais noturnas nas últimas quartas-feiras de cada mês. A ideia é que o público, por meio da doação de pacotes de arroz e feijão, tenha direito a meia-entrada. “Os mantimentos serão enviados a ONGs e projetos sociais”, explica Rezende.

O começo

A história do Tuca tem início com a decisão de construir um espaço para palestras, conferências, reuniões e solenidades. O projeto do arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto (responsável, anos depois, pela edificação da Basílica de Nossa Sra. Aparecida) garantia

os mesmos traços arquitetônicos do prédio velho e da capela do campus Monte Alegre. Uma peça marcou a inauguração do novo auditório, no dia 11 de setembro de 1965: *Morte e Vida Severina*, baseada em poema de João Cabral de Melo Neto e realizada por um grupo de jovens atores. O sucesso foi tão grande que rendeu um prêmio da Associação Paulista de Teatro (APCT); no ano seguinte, o espetáculo do grupo Tuca (Teatro dos Universitários da Católica) venceu o Festival Mundial de Teatro Universitário, na França. Ao longo do tempo, a sigla da companhia acabou virando o nome do local. Nos anos seguintes, a música também tomou conta dos palcos, com cantores da MPB (Nara Leão, Gilberto Gil, Chico Buarque, Maria Bethânia, Gal Costa e Vinícius de Moraes, entre tantos outros) e internacionais (como o argentino Astor Piazzolla e a chilena Mercedes Sosa). Foi no Tuca que, durante o Festival Internacional da Canção (FIC), em 1968, Caetano Veloso discutiu com o público ao apresentar a música “É proibido proibir” – e para escapar de agressões teve que sair escondido pelos fundos, em meio às obras de construção do restaurante universitário.

Espaço de resistência

Outra característica histórica foram as atividades acadêmicas e políticas de resistência à ditadura. Em julho de 1977, o espaço

O Tuca, visto do palco

Adoro o Tuca, a forma como ele é administrado por gente que gosta e faz teatro. A equipe toda é de uma gentileza única, são todos muito profissionais. O espaço também é muito bem equipado e o público, interessante, jovem. É um teatro como sempre imaginei que todos deveriam ser.

Antônio Fagundes

Gosto do Tuca porque ele não é só história, mas um teatro de rua. É muito bom pisar num palco pelo qual passou tanta gente talentosa, é como se eles deixassem uma boa energia, que nos protege.

Dan Stulbach

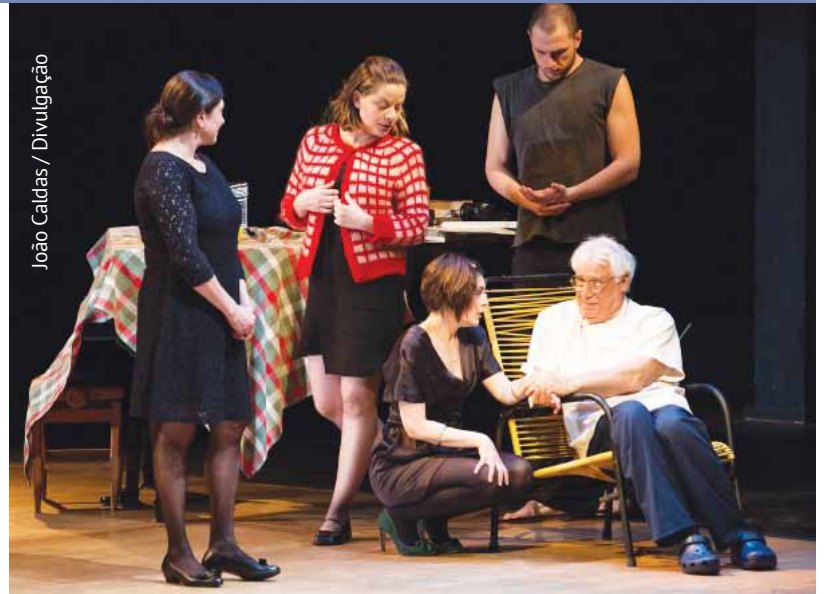
O Tuca é historicamente importante e tem uma estrutura incrível, além de ser lindíssimo.

Elias Andreato



Jairo Goldflus / Divulgação

Programação de qualidade: *Adultérios*, de Woody Allen, com Fábio Assunção...



João Caldas / Divulgação

... e Tribos, de Nina Raine, com Bruno e Antônio Fagundes

foi sede do 29º Encontro Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que havia sido proibido de ser realizado em instituições públicas. Em setembro do mesmo ano, universitários se reuniam em frente ao teatro para celebrar a reorganização da União Nacional dos Estudantes (UNE, que atuava na clandestinidade) quando foram reprimidos violentamente por tropas da Polícia Militar chefiadas pelo coronel Erasmo Dias. Ocasões festivas também eram utilizadas para assinalar posição contrária ao regime militar. Foi um evento no auditório principal, em 1980, que marcou a volta de Paulo Freire ao Brasil, após 15 anos de exílio. Dois anos depois, duas lideranças católicas que se opunham à ditadura foram homenageadas no local: Dom Hélder Câmara, laureado com o título de Doutor Honoris Causa da PUC-SP, e o arcebispo de São Paulo e grão-chanceler Dom Paulo Evaristo Arns, premiado com o mesmo título pela Universidade Notre Dame (EUA). A ousadia política teve duras consequências. Em 1984, dois incêndios (um deles criminoso) destruíram quase que completamente o Tuca. Uma campanha de reconstrução mobilizou a sociedade e conseguiu reabri-lo, de forma precária, dois anos depois.

Infraestrutura moderna e programação de qualidade

Apenas em 2003 o prédio seria modernizado por completo – mantendo nas paredes as marcas do fogo. “Após a reforma passamos a ter toda infraestrutura de um grande teatro. O espaço se tornou mais seguro e, recentemente, foi apontado como um dos melhores de São Paulo”, afirma Rezende. A avaliação, da revista *sãopaulo*, da Folha de S. Paulo, destacou a infraestrutura e a diversidade de espetáculos que se apresentam nos dois palcos (auditório principal e Tucarena).

Toda essa história que fez do Tuca uma referência cultural para o país pode ser consultada desde 2006 no Centro de Documentação e Memória. O acervo (fotos, roteiros de espetáculos, materiais de divulgação, reportagens, entre outros) está disponível para pesquisas e visitas técnicas. Nos últimos anos, reforçando sua tradição cênica, o Tuca recebeu espetáculos de destaque entre a crítica e o público, como *A alma boa de Setsuan* (Bertold Brecht), *Adultérios* (Woody Allen), *Expresso do Pôr do Sol* (Cormac McCarthy) e *Hamlet* (William Shakespeare). O espetáculo de improvisação *Improvável*, com a Cia. Barbixas, entra em 2015 em sua oitava temporada – o recorde do teatro. Para conferir as novidades do cinquentário, acesse www.teatrotuca.com.br.



Thiago Pacheco / ACI

Aula magna da Cogeae: auditório principal recebe eventos acadêmicos



Bete Andrade / ACI

Banda Capela: música no Tucarena



Bete Andrade / ACI

Rosa Besteirológica dos Doutores da Alegria: Tuca para crianças

Tenho o maior xodó pelo Tuca. O auditório principal recebe qualquer espetáculo, fui muito feliz nele. Gosto do ambiente e os funcionários são maravilhosos, a gente é sempre bem recebido aqui. É um espaço cultural muito importante.

Denise Del Vecchio

É um teatro de verdade, tem urdimento, profundidade... Ator gosta de trabalhar num espaço como este. O Tuca tem tradição e um público fiel.

Irene Ravache

O Tuca tem história. É um palco incrível, com acústica maravilhosa.

Fábio Assunção

Maturidade

Matriculados, aos cem anos



Thais Polato / ACI

100 anos e contando: Eugênia (de blusa roxa) e Jaime (de paletó marrom) comemoram a homenagem, ao lado de familiares e amigos

Thais Polato

Ter cem anos é raro; com saúde e disposição, mais ainda; estudando, nem se fala. Mas ter três alunos de cem anos esbanjando alegria e disposição para iniciar o semestre não é raro – é motivo de homenagem. Foi isto que a Universidade Aberta à Maturidade da PUC-SP (UAM) realizou dia 2/3, no Tucarena: celebrou seus estudantes centenários Eugênia Fischer, Esmeralda Maria Luiza Mollica Figueiredo e Chaim (Jaime) Kupermann, durante a aula inaugural.

Eugênia logo avisou: “Só saio se me expulsarem”. Ela está no curso há 18 anos e o considera a continuidade de uma vida produtiva. “Sou formada em Letras e Turismo, a UAM é uma forma prazerosa de continuar estudando”, afirmou. Um dos momentos mais marcantes da cerimônia aconteceu com a leitura de um texto em que a outra homenageada, Esmeralda,

agradecia a professores e colegas “pelos momentos fraternos vividos e pelas tantas emoções e histórias compartilhadas”.

Seu Jaime, como todos o conhecem, lembrou da primeira aula, em 1997. “Levei um susto. Eram 52 mulheres e só eu de homem. Não desisti, fiz muitas amigas e aprendo muitas coisas. Chega a ser uma terapia. Ainda hoje somos poucos homens, mas sempre recomendo o curso”, disse.

O evento teve palestra do professor da USP e médico geriatra Wilson Jacob Filho com o tema *O desafio do século 21 é o envelhecimento saudável*. Ele estava acompanhado dos professores Antonio Jordão Neto, Marcia Flaire Pedroza e Luiz Augusto de Paula Souza (ambos da Pró-Reitoria de Educação Continuada) e Marília Marino (coordenadora acadêmica da UAM e representante da Faculdade de Educação).

1,5 milhão de mortos

Para não esquecer o genocídio armênio

A Comissão pela Preservação da Memória do Centenário do Genocídio Armênio, criada pela Fundação São Paulo (mantenedora da Universidade), realizou dia 11/3 sua primeira reunião. O grupo fará atividades para recordar o massacre cometido entre 1915 e 1923, que resultou na morte de cerca de 1,5 milhão de armênios do Império Otomano, além de conscientizar sobre história e cultura armênias.

A abertura ocorrerá em 28/4, com a presença dos professores Antonio Carlos da Ponte (que falará sobre os aspectos penais do genocídio), Osvaldo Henrique Duek (que abordará as contribuições do Direito Penal e da Psicanálise para a compreensão do massacre) e Vidal Serrano (diretor-adjunto da Faculdade de Direito). “Com esta comissão, a PUC-SP e a Fundação São Paulo mostram, uma vez mais, postura de vanguarda e constante preocupação com os Direitos Humanos”, afirma o coordenador do grupo, professor Pedro Henrique Demercian (Direito).

De 8 a 11/6, a comissão organizará, no Tucarena, apresentações artísticas, exposição fotográfica e debates sobre o genocídio, com docentes de diversas áreas e alunos descendentes de armênios. Para o segundo semestre, haverá evento gastronômico de pratos típicos, exibição de documentários e culto ecumênico. O cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo e grão-chanceler da PUC-SP, agendou para 8/5, às 19h, missa na Catedral da Sé em memória das vítimas. No Vaticano, a celebração eucarística ocorreu em 12/4. **(M. F.)**



Mara Fagundes / ACI

Comissão, formada por alunos, professores e funcionários, inicia os trabalhos em reunião na Fundação São Paulo, dia 11/3



Palavra da reitora

Neste mês em que se comemora a Páscoa, quero convidar toda a comunidade de professores, funcionários, alunos, ex-alunos e familiares a reavivar de maneira especial nossa esperança e nosso compromisso humanitário.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem em sua história a disposição de se abrir ao outro, em sua plenitude, nos momentos de celebração e de necessário apoio.

Mas a história não é só o que se fez e, sim, a construção presente e futura. Nada melhor do que a Páscoa para nos lembrar que este é um momento de comunhão. Não apenas comunhão nos desejos mas, principalmente, nas ações que fazem da PUC-SP uma das mais importantes instituições de ensino superior do Brasil, com inserção também na América Latina e em outras partes do mundo.

Que a Páscoa nos lembre: é preciso que tenhamos sempre gestos concretos em prol de uma sociedade mais justa, uma sociedade com pleno acesso à educação, ao trabalho, à moradia, à cultura e à saúde de qualidade.

Enfim, que esta data e seu importante significado sirvam de fagulha ao compromisso social verdadeiro e atuante da PUC-SP e de cada um de nós, individualmente.

Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Campus Santana Colégio Luiza de Marillac faz 75 anos

Mara Fagundes

Em 1940, era apenas uma chácara localizada em Santana, num terreno que se estendia do Campo de Marte à rua Voluntários da Pátria, até então de terra, por onde passavam duas linhas de bonde. O cenário faz parte dos 75 anos de história do Colégio Luiza de Marillac, onde funciona o campus Santana da PUC-SP, numa trajetória marcada pela solidariedade.

Doado por Maria Francisca de Jesus e Silva, foi fundado pelas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo. A missão educadora teve início nos fundos do terreno, onde as freiras davam aulas a crianças carentes da comunidade. Mobilizados pela dedicação aos mais necessitados, os vizinhos se tornaram assíduos participantes das atividades de arrecadação de fundos, como festas, jantares e gincanas. Os eventos proporcionaram uma grande ampliação das instalações na década de 1960, o que resultou no funcionamento dos cursos primário e ginásial, além da abertura de turmas particulares a partir de 1973. Meninas órfãs também eram acolhidas na casa.

Aos poucos, a comunidade adquiriu fama na zona norte de São Paulo, o que levou a um aumento

do número de alunos. Apesar da procura das famílias, as irmãs não conseguiram dar continuidade à manutenção e repassaram o espaço à Cúria. Com o passar dos anos, o local ganhou laboratórios, salas de audiovisual e uma capela. Em 2005, a PUC-SP firmou parceria com a escola, criando o campus Santana. Hoje funcionam na unidade graduações em Administração, Teologia, Comércio Exterior e Marketing, além de dois cursos de extensão.

Segundo o diretor pedagógico do Colégio Luiza de Marillac, Luis Fernando Bronzatto, a parceria trouxe benefícios. "A PUC-SP é referência em educação superior e a presença de uma instituição desse porte, mantida pela Igreja, vai ao encontro de nossa vocação de instituição de ensino religiosa. É ainda um incentivo aos nossos alunos para chegarem à Universidade", afirma.

Desde o início da parceria, a Faculdade de Educação assessora as ações pedagógicas do Marillac (inclusive refazendo o Projeto Político Pedagógico do colégio). Em 2010, a Derdic também auxiliou na construção de um projeto de inclusão de alunos surdos, que se tornou uma referência na área.

Atualmente, a escola possui 350 alunos, com turmas da educação infantil até o ensino médio.



Fotos: Acervo Colégio Luiza de Marillac



De chácara a escola

Colégio começou como missão educadora para a comunidade carente e se ampliou nos anos 1960

Hoje

Atualmente, escola conta com 350 alunos em turmas que vão do ensino fundamental ao ensino médio



Ciências Econômicas A melhor formanda de 2014



Helio Perazzolo / Corecon-SP

Alana exibe o certificado: melhor desempenho acadêmico entre os formandos de 2014

Alana Domisio Vergara saiu com dois certificados do Tuca, na noite de 24/3. O primeiro era o da colação de grau em Ciências Econômicas; o segundo, o prêmio de melhor estudante do curso, entre os formandos de 2014. “Fiquei muito feliz, e meus pais também. Não esperava, imaginava que havia pessoas que eram melhores alunos que eu”, declara a homenageada.

Ela diz que, no começo, era bem estudiosa; depois, confessa, a dedicação diminuiu. “Deixei a desejar um pouco porque comecei a trabalhar. Achava que as notas iam cair, cheguei a pensar que seria reprovada em uma disciplina do último semestre, mas no fim me surpreendi com os resultados”, conta.

O prêmio é concedido pelo Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon-SP), após indicação do curso de Ciências Econômicas. O melhor aluno é aquele que tem a média de notas mais alta, determinada após consulta ao histórico acadêmico dos estudantes. Em 2014, a graduação teve 95 formandos.

O certificado foi entregue a Alana pelo presidente do Corecon-SP, professor Marco Antonio Sandoval de Vasconcellos, e a cerimônia contou com presença dos professores Francisco Antonio Serralvo (diretor da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária, FEA) e Rubens Sawaya (coordenador do curso).

Desde setembro do ano passado, Alana integra a equipe de *asset* (gestão de fundos de investimento) do Banco Safra, onde atuara como estagiária em 2011 e 2012. Na avaliação dela, a premiação pode ter reflexos no campo de trabalho: “Já recebo convites para eventos do Corecon, vai ser bom para fazer contatos profissionais”. **(T. Pa.)**

Palestras na Casa das Rosas O encontro entre Arte e Ciência

Em março e abril, o Pós em História da Ciência promove uma série de palestras na Casa das Rosas (av. Paulista, 37). Toda quinta-feira, às 19h30, um de seus docentes aborda a relação entre Arte e Ciência ao longo da história, no ciclo *Jardim da Ciência*.

“Para muitos, há pouca relação entre estas duas esferas, que são tratadas como atividades humanas praticamente opostas”, observa José Luiz Goldfarb, coordenador do programa e curador do evento. “Numa perspectiva mais profunda, e que reconhece as complexidades da ciência enquanto fazer humano, nossas palestras vão em outra direção, mostrando que ambas se encontram e se sobrepõem em diversos momentos históricos”, explica.

Para ele, o ciclo permitirá à unidade oferecer, para o público que circula pelos espaços culturais da avenida Paulista, as pesquisas e descobertas de seus professores, além de divulgar as atividades e atrair interessados em cursos de mestrado e doutorado. Ao mesmo tempo, prossegue, a Casa das Rosas pretende aumentar sua interação com as universidades paulistas.

Goldfarb participou do processo de reabertura da entidade, em 2004 (quando atuava na Secretaria Estadual de Cultura), e integra desde então seu Conselho Consultivo. Por causa dessa proximidade, há alguns anos o Pós em História da Ciência realiza eventos pontuais no local – como nas comemorações dos 20 anos do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (Cesima), em 2014.

Para ver a programação do *Jardim da Ciência*, acesse www.casadasrosas.org.br/agenda. **(T. Pa.)**



Jackson Oliveira / Casa das Rosas

Goldfarb abre o ciclo com uma palestra sobre a relação do físico Mário Schenberg com a arte, dia 5/3

Educação Continuada: Direito Contribuições ao novo CPC

A tramitação do novo Código de Processo Civil (CPC) contou com intensa participação de advogados ligados à PUC-SP – tanto na fase de elaboração do projeto como nas discussões no Senado Federal e na Câmara dos Deputados. Dois destes professores doutores, Teresa Celina de Arruda Alvim Wambier e Cássio Scarpinella Bueno, estiveram entre os palestrantes da aula inaugural dos cursos de especialização em Direito, com o tema *Discussões e Inovações do novo Código de Processo Civil*. A atividade lotou o Tuca, na noite de 16/3, e contou com abertura do prof. dr. Pedro Paulo Manus (diretor da Faculdade de Direito) e da pró-reitora Alexandra Geraldini (Educação Continuada).

“O novo CPC não é um bicho de sete cabeças. Ele nada mais faz do que exteriorizar, tornar real aquilo que estava latente na comunidade jurídica e que já se discutia entre os processualistas”,

declarou na ocasião a professora Teresa. Ela integrou e atuou como relatora geral da comissão de juristas nomeada em 2009 pelo então presidente do Senado, José Sarney, para redigir o anteprojeto do Código.

Durante a aula inaugural, a docente apontou aquelas que são, na sua opinião, as duas características mais marcantes do CPC. O primeiro se refere a dispositivos que têm por vocação gerar o aproveitamento do processo: “Não é qualquer pequeno vício que deve gerar a extinção processual, sem julgamento de mérito. Todos os erros se sanam, por mais graves que possam ser”. O segundo diz respeito à isonomia – ou seja, ao estabelecimento de institutos e ao aprimoramento daqueles já existentes, somados à extensa parte de princípios, com o objetivo de concretizar que casos iguais sejam resolvidos da mesma forma. Como resultado, explica, a Justiça se desafoga.

“Com menos trabalho, o Judiciário funciona melhor e com mais rapidez”, ponderou.

Além da professora Teresa, a comissão do Senado que elaborou o anteprojeto contou com mais dois profissionais com mestrado e doutorado pela Universidade. O relatório final do grupo foi apresentado em junho de 2010; o debate no Senado teve início com a cooperação dos docentes puquianos Cássio Scarpinella Bueno e Luiz Henrique Volpe Camargo. O projeto seguiu então para a apreciação dos deputados, que tiveram a colaboração de dois professores da Universidade, três ex-alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e um atual doutorando.

Homologado pela Câmara em março de 2014, o projeto voltou ao Senado e foi aprovado em dezembro de 2014. A presidente Dilma Rousseff sancionou o CPC em 16/3; após sua publicação, o Código terá um ano para entrar em vigor. **(T. Pa.)**



Para Teresa Wambier, novo CPC irá desafogar a Justiça:
“Com menos trabalho, o Judiciário funciona melhor e com mais rapidez”

Expediente

Grão-chanceler: Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Reitora: Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Vice-reitor: Prof. Dr. José Eduardo Martinez

Pró-reitores:

Profa. Dra. Alexandra Fogli Serpa Geraldini (Educação Continuada)

Prof. Antonio Carlos Gobe (Planejamento, Desenvolvimento e Gestão)

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (Cultura e Relações Comunitárias)

Profa. Dra. Maria Amália Pie Abib Andery (Pós-Graduação)

Profa. Dra. Maria Margarida Cavalcanti Limena (Graduação)

Chefe de Gabinete: Prof. Dr. Lafayette Pozzoli

Assessoria de Comunicação Institucional (ACI)

Assessor de Comunicação: Claudio Junqueira (MTb 43.193)

Coordenadora: Thaís Polato (MTb 30.176)

Editor: Thiago Pacheco (MTb 45.691)

Reportagem: Bete Andrade (MTb 77.750) e Mara Fagundes (MTb 63.091)

Projeto gráfico e editoração: Dialogo Comunicação

Impressão: Arcian Comunicação Visual

Tiragem: 3.000 exemplares

Redação: Rua Monte Alegre, 984, sala T-34 - Perdizes, São Paulo, SP
CEP 05014-901 - Tel.: (11) 3670-8002 e 3670-8003

E-mail: imprensa@pucsp.br



Entrevista do Mês **Maria Helena Pereira Franco** Psicologia em emergências

Thiago Pacheco

Em 1996, a professora Maria Helena Pereira Franco fundou o Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu). Pioneiro no Brasil, no mesmo ano o grupo participou do suporte a familiares de vítimas do acidente com o Fokker 100 da TAM que ocasionou 99 mortes em São Paulo. “Foi uma experiência intensa e extensa”, diz a docente. “Estivemos com eles desde o dia do incidente até meses depois. Essa experiência nos marcou profundamente, ensinou muito e nos estimulou a continuar”. Atualmente, o LELu (ligado ao curso de Psicologia, ao Pós em Psicologia Clínica e à Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic”) conta com 20 alunos (graduação; aprimoramento; pós-graduação e pós-doutorado), realiza pesquisas (de iniciação científica até pós-doutorado) e atende de crianças a idosos enlutados. Alguns dos membros organizaram um grupo que ainda hoje auxilia em situações de desastre, e a equipe acaba de lançar o livro *A intervenção psicológica em emergências; fundamentos para a prática* (Editora Summus). Nestes tempos em que acidentes aéreos viraram notícia frequente, conversamos com a professora Maria Helena sobre o luto e a repercussão desses desastres na vida das pessoas e na mídia.

O que é o luto?

É o processo natural e esperado para o rompimento de um vínculo. Sempre que temos uma interrupção em situação ou relacionamento que faz diferença em nossa vida, podemos falar em luto.

Investigadores disseram que a queda do avião na França (em 24/3) resultou de ato suicida do co-piloto. Neste caso, o sentimento é o mesmo entre os familiares dele e das outras vítimas? O luto é o mesmo para diferentes experiências com a morte?

Assim como não há modo único para as pessoas se vincularem, tampouco há uma maneira exclusiva para as pessoas viverem seus lutos. Podemos esperar que cada família, de tripulantes ou passageiros, viva o processo a sua maneira. É uma consequência natural e, mesmo com qualquer julgamento que se faça sobre o luto de alguém, esta será sempre uma experiência necessária para o psiquismo se restabelecer.

Em acidentes aéreos recentes, houve união de familiares para cobrar causas e resgate dos corpos. De que forma essas duas preocupações se relacionam com o luto? Como lidar com situações como o avião que sumiu em março de 2014, na Ásia?

Um processo importante no luto é a construção de significados, necessária para o enlutado encontrar respostas às

suas inúmeras perguntas. Os familiares se organizam para se fortalecer e obter explicações que, mesmo sem solucionar os problemas abertos com a perda, possibilitam a reconstrução com alguma justiça. Encontrar os corpos ou fragmentos identificáveis permite às famílias um encerramento, realizando rituais próprios da sua cultura e apresentando seus sentimentos. Assim fica possível entender a angústia dos familiares dos desaparecidos no avião que fazia o trajeto entre Malásia e China: não há corpos, destroços nem informações. O desaparecimento desta aeronave é dos mais graves acontecimentos, considerando-se todos os aspectos do luto.

É possível se preparar para o luto? É mais saudável vivenciar a perda ou se afastar dela?

A melhor maneira de se preparar é viver bem as relações que nos são significativas. Se aceitarmos que o luto está implícito no amor, no que nos vincula na vida (pessoas, significados, ideologias, nações etc), saberemos que ele é inevitável. Portanto, por que se preparar para viver algo que poderá nos fazer crescer e entender muito de quem somos? Por que pensar nele como uma experiência a ser anestesiada, se ele apenas sinaliza que há outra maneira de viver um vínculo importante? Um luto precisa ser vivido, mostra à pessoa como enfrentar seus limites, faz com que conheça e use seus recursos psicológicos, espirituais, afetivos, financeiros, sociais. Ao se afastar, o enlutado estaria se declarando sem recursos de enfrentamento, o que na maioria dos casos não é verdade. Há lutos complicados, com raízes não apenas na qualidade das relações, mas em fatores como o tipo de morte (repentina ou violenta) ou a dificuldade de encontrar os corpos. Para estas situações há demanda por psicoterapia.

Como lidar com as crianças, no caso da morte?

Sempre defendi que as crianças devem ser informadas sobre morte com naturalidade, sem mentiras. Não se deve esperar que elas compreendam como um adulto, elas entenderão o caso de acordo com seu desenvolvimento cognitivo e emocional. A criança terá boas condições de viver seu luto se puder contar com o suporte dos adultos que a tenham sob sua responsabilidade.

Há casos de pessoas que morrem, mas o perfil se mantém nas redes sociais. Como a sra. avalia estas situações? Como as mídias sociais influenciam o luto?

As redes sociais têm tido papel relevante no luto no mundo contemporâneo. Elas têm funções muito semelhantes aos de outros recursos e chamam a atenção porque apresentam novas possibilidades de expressão. Vivemos tem-



Thiago Pacheco / ACI

pos em que conta muito o que é exposto e compartilhado. Manter-se em comunicação com o falecido escrevendo em sua página retrata a maneira atual de as pessoas se colocarem em contato com o mundo externo.

A morte pode ser usada como arma midiática, como nos atentados de 11 de setembro e, recentemente, nas decapitações promovidas pelo Estado Islâmico. Como lidar com essas situações?

Vimos usos e abusos da morte nesses dois exemplos, situações que vão além do que uma pessoa pode suportar, mesmo que seja vendo a imagem na TV, computador ou celular. Parece que não conseguimos nos distanciar o suficiente para pensar que aquilo não nos afeta e acho saudável que possamos manter vivo nosso mal-estar. Ver uma cena de horror provoca necessidade de distanciamento para salvaguardar a sanidade mental. Repetidas, a visão e os movimentos de distanciamento apresentam risco de entorpecimento e, o que é pior, de desumanização, perda da empatia pelo sofrimento humano. A questão não é apenas mostrar a cena com potencial para o dano psicológico, mas em fazer pensar que ela é natural.

Por que a sra. começou a estudar esse tema?

Eu me interessava pelo processo de formação e rompimento de vínculos já na graduação, com base na teoria do apego de John Bowlby. Foi uma decorrência natural estudar esse fenômeno na perspectiva do luto. Em 1994 defendi o doutorado, fiz estágio de pós-doc em Londres com ênfase no tema e não parei mais. Hoje vejo muita abertura para estudá-lo, no Brasil, com espaços em congressos e revistas científicas. Claro que fico feliz! Ainda temos muito para avançar, mas sou otimista quanto ao que podemos fazer.